

DESCOBRINDO OS CLÁSSICOS

ONDE FICA O ATENEU?

IVAN JAF

ea

editora ática

Onde fica o Ateneu?
© Ivan Jaf, 2001

Conforme a nova ortografia da língua portuguesa

| | |
|-------------------------|-----------------------|
| Editora-chefe | Claudia Morales |
| Editor | Fabricio Waltrick |
| Editora assistente | Marcia Camargo |
| Preparadora de original | Jandira Queiroz |
| Coordenadora de revisão | Ivany Picasso Batista |
| Revisora | Luciene Lima |
| Estagiária | Fabiane Zorn |

| | |
|----------------------------------|-------------------------------------|
| ARTE | |
| Diagramadora | Thatiana Kalaes |
| Editoração eletrônica | Estúdio O.L.M. Eduardo Rodrigues |
| Editoração eletrônica de imagens | Cesar Wolf |
| Ilustrações | Luiz Gê |
| Ilustração de Raul Pompeia | Samuel Casal |
| Estagiária | Mayara Enohata |

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J22o

Jaf, Ivan, 1957-

Onde fica o Ateneu? / Ivan Jaf ; [ilustrações Luiz Gê]. - 2.ed. - São Paulo : Ática, 2008.

96p. : il. - (Descobrimdo os Clássicos)

Contém apêndice e suplemento

ISBN 978-85-08-12031-4

1. Pompeia, Raul, 1863-1895. O Ateneu - Literatura infantojuvenil. I. Gê, Luiz. II. Título. III. Série.

08-4037.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 12031-4 (aluno)

2017

2ª edição

9ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221

Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Atendimento ao cliente: (0xx11) 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br

www.aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



O GRANDE MISTÉRIO DE *O ATENEU*: CONVERSAS ESCLARECEDORAS

As coisas não andavam nada bem para o detetive Mendes. Para economizar aluguel viu-se obrigado a mudar para o escritório, o que não era nada confortável. Como teve de improvisar uma cozinha colocando um fogareiro dentro de um dos armários, comer uma refeição decente era um sonho intangível. Mal cabia no banheiro, o que tornava o banho uma atividade de contorcionista. Mas, o pior de tudo, é que há muito tempo não via um cliente pela frente. Assim, quando o senhor T apareceu querendo contratar os seus serviços, Mendes pensou que finalmente a sorte batia a sua porta.

O cliente trazia um livro, chamado *O Ateneu*, que foi escrito em 1888, e, desde então, vinha provocando muita polêmica. Pois aquele livro continha alguns mistérios que ele queria que o detetive investigasse. Mendes não podia imaginar o quanto esse encontro com o estranho senhor T iria mudar a sua vida e trazer confusão para muita gente!

Dessa forma Ivan Jaf vai resgatar este clássico da língua portuguesa, *O Ateneu*, de Raul Pompeia, um dos mais controvertidos autores brasileiros.

Onde fica o Ateneu? tem todos os ingredientes de uma autêntica história policial: detetives atrapalhados, perseguições, caçada a suspeitos, tocaias, pancadaria. Porém, muito mais que uma história divertida, é uma fantástica incursão

ao mundo dos livros, um bate-papo esclarecedor e envolvente com uma grande obra da nossa literatura.

Os editores

SUMÁRIO

| | | |
|-----------|---|----|
| 1 | Grande demais para o banheiro | 9 |
| 2 | A sorte bate à porta | 12 |
| 3 | Suspeitos de papel | 17 |
| 4 | Entrando no mundo dos livros | 24 |
| 5 | Pesquisa à tapa | 29 |
| 6 | O meio é um ouriço invertido | 35 |
| 7 | Puxando pelas orelhas | 43 |
| 8 | Lágrimas no fosso | 50 |
| 9 | Marcas do passado | 63 |
| 10 | Além do pó | 69 |
| 11 | Dando um trato no visual | 74 |
| 12 | Pista viva | 78 |
| 13 | Livro é uma coisa muito estranha | 82 |
| 14 | Quem é vivo desaparece | 85 |
| | Outros olhares sobre <i>O Ateneu</i> | 89 |





• 1 •

.....
Grande demais para o banheiro
.....

A primeira coisa que o detetive Mendes fazia ao acordar era besuntar o cabelo crespo com bastante óleo de amêndoas e alisá-lo alguns minutos com um pente fino e ensebado.

Depois jogava água no rosto com violência, e ia se lavando até debaixo do braço. Em seguida, ainda molhado, fazia a barba, com cuidado para não cortar um pedaço do papo de gordura que unia o queixo ao pescoço.

Era um homem muito feio.

O nariz nunca mais se recuperara de um soco, numa briga de Carnaval. Ficou para sempre inchado, vermelho e desabado, como um telhado de vigas podres.

As orelhas eram muito grandes, e delas saíam pelos du-ros como um cacto. Na da esquerda faltava o lóbulo, cortado a gilete por uma senhora agressiva, presa em flagrante ven-dendo pistolas automáticas no estacionamento de um super-mercado.

Os olhos eram bolas vermelhas, irritadas, cercadas por olheiras marrons. A boca sem lábios, apenas um rasgão, pa-recia ter sido feita às pressas.

Mas seu maior problema naquele escritório era com o resto do corpo. Grande demais para o banheiro.

Mendes media 1,98 m e pesava 122 kg. Metade disso era gordura, acumulada em uma vida de pratos feitos e coxinhas de galinha.

Depois de quinze anos como policial, convenceu-se de que não podia continuar vivendo honestamente só com o que recebia de salário. Pediu uma licença sem remuneração para tentar ganhar a vida como autônomo. Abriu um escritório de detetive particular.

As novas despesas e a falta de clientes acabaram de arruiná-lo.

Como o aluguel do escritório era mais barato do que o do seu apartamento conjugado no Meier, resolveu morar “no serviço”. Mas não conseguia abrir os braços para se lavar dentro do pequeno banheiro. Tinha de forrar a entrada com um plástico e pegar a água na torneira com os braços estendidos. Dessa maneira conseguia tomar sua metade de banho, mas sempre respingava as pastas na estante ao lado da porta e os papéis no chão, ao lado da mesa.

O banho ele resolveu puxando um cano com chuveiro da entrada de água da descarga. Com os braços colados ao corpo, ficava girando e se sacudindo embaixo da água.

Secava-se do lado de fora, porém, e voltava a respingar tudo, e a empapar o velho tapete desfiado que escondia os tacos soltos do piso. O sol nunca entrava ali. Os pontos úmidos se transformavam em placas de fungo verde.

Tinha medo de um dia entalar no banheiro e não conseguir sair, por isso sempre deixava o telefone por perto, para poder chamar os bombeiros.

A cozinha era um fogareiro dentro do armário de aço cinza. Quando precisava fazer uma fritura levava o botijão de gás e a frigideira para o beiral da janela e forrava o chão com jornais. Na noite anterior havia fritado umas sardinhas e tomado cervejas.

Ainda estava tudo lá quando a campainha tocou. O jornal respingado de gordura, as latinhas espalhadas por todo lado, a frigideira em cima da mesa, com restos de espinha e farinha de rosca, um prato com duas moscas no batente da janela e o plástico todo molhado na porta do banheiro.

Mendes disse um palavrão. Estava só de calção, molhado da cintura para cima e com espuma de barbear no rosto. Tão cedo, só podia ser o porteiro com alguma conta para pagar, ou alguém do escritório de contabilidade ao lado pedindo para usar o telefone.

Passou uma toalha na cara e abriu a porta.

Um velho atarracado e alto, com um olhar duro, de terno escuro e surrado, com uma barba branca curta e o cabelo cortado à máquina, segurava um envelope pardo à altura do peito.

— O senhor é o detetive? — ele perguntou.

“Caramba! Um cliente!” , pensou Mendes, e disse:

— Sou. Pode entrar.

O homem deu três passos para a frente, abriu o envelope, tirou um livro e o colocou sobre a escrivaninha.

O livro se chamava *O Ateneu*.